

TRADUÇÃO DE TEXTO CIENTÍFICO: OBJETIVOS, DIFICULDADES, SOLUÇÕES

Maria de Fátima SOUSA E SILVA*

Resumo: A tradução do texto científico grego, durante muito tempo ausente dos interesses dos classicistas e tradutores portugueses, tem ganho nos últimos anos um novo impacto. Para esse resultado contribuíram projetos de tradução sistemática de autores como Aristóteles, ou iniciativas específicas para que o texto científico podia dar contributos interessantes. É propósito deste artigo refletir sobre as particularidades deste tipo de tradução, quais as dificuldades que suscita e as soluções que têm sido encontradas.

Palavras-chave: Aristóteles; biologia; multidisciplinaridade; Teofrasto.

Abstract: The translation of the Greek scientific text, absent for a long time from the interests of Portuguese classicists and translators, has gained, in recent years, a new impact. Systematic translation projects of authors such as Aristotle, or specific initiatives in which the scientific text could make interesting contributions, have contributed to this result.

The purpose of this article is to reflect on the particularities of this type of translation, the difficulties it raises and the solutions that have been found.

Keywords: Aristotle; biology; multidisciplinarity; Theophrastus.

* Instituto de Estudos Clássicos / Universidade de Coimbra. Email: fanp@ci.uc.pt.

Introdução

Até anos recentes, a tradução de texto científico funcionou, entre os tradutores do grego antigo para a língua portuguesa, como um parente pobre e desconsiderado. Vários fatores hão de ter concorrido para que assim fosse. Antes de mais o próprio teor do texto, que parecia certamente pouco atrativo para o tradutor e possíveis destinatários: o primeiro justamente convencido das dificuldades específicas da tarefa, e o segundo - sempre restrito - cético quanto ao interesse do assunto e à pertinência de conceitos com certeza completamente desatualizados. Porque afinal quem seria o destinatário de tais traduções? Os classicistas, gente das literaturas, dificilmente se deixariam mover por tal assunto, no essencial muito fora das suas prioridades. Por seu lado os investigadores de ciência achariam uma perda de tempo ocupar-se com a leitura de tratados que milhares de anos de existência fatalmente condicionaram. Em palavras rasteiras, não valia a pena tão grande esforço para sucesso tão curto!

Em consequência de uma visão tão pragmática, o certo é que este tipo de texto se mantinha totalmente ausente do corpo de traduções do grego antigo disponíveis em língua portuguesa, ao contrário do que acontecia com as outras línguas fortes no uso universal. Há que reconhecer, no entanto, que, mesmo nessas línguas - o inglês, o francês, o alemão, o espanhol, o italiano -, traduções deste tipo de texto não se multiplicam à escala do que acontece com a literatura épica ou dramática, ou com o diálogo filosófico, por exemplo, com outra repercussão cultural. Mas existem, e oferecem, ainda assim, alguma variedade. Havia, portanto, de suprir uma lacuna de que nos deveríamos envergonhar.

1. Objetivos

Talvez a vergonha, no caso um sentimento saudável, tenha funcionado como um primeiro estímulo. Como poderiam os classicistas de língua portuguesa aceitar que, numa língua usada por países em que a cultura tem expressão, autores do gabarito de Aristóteles, Teofrasto, Hipócrates, Galeno, não tivessem uma tradução completa? Quanto mais não fosse por uma questão de honra académica havia que preencher essa falha. Até agora ainda não a temos totalmente suprida, mas estamos no bom caminho para atingir esse objetivo.¹

Um segundo impulso relevante terá sido a ideia de que o conteúdo desses tratados se não limita a conceitos obsoletos, que interessa conhecer apenas como etapas arquivadas, museológicas, de um processo de conhecimento. O que esses tratados podem oferecer é muito mais do que isso. Contêm, de facto, informações sobre a metodologia e prática científica, sobre a passagem do que seja intuição ou observação meramente empírica para a sistematização do conhecimento, para a enunciação de regras universais e para a fixação - que neste momento é para nós particularmente relevante - de um vocabulário técnico, rigoroso e transversal.²

¹ Das traduções portuguesas entretanto publicadas podemos referir: SILVA (2006, 2008, 2010, 2014, 2021), SILVA; PAIVA (2016, 2020); SOUSA (2018).

² Sobre estes fatores de interesse nos tratados de Aristóteles e Teofrasto, *vide*, a título de exemplo, SILVA, 2006, p. 13-44, SILVA; PAIVA, 2016, p. 13-48; SILVA; PAIVA, 2020, p. 9-32.

Importa também reconhecer o impulso que alguns colegas da área científica vieram trazer ao processo. Ainda que relativamente poucos em número, as equipas das várias disciplinas científicas começaram a dispor de colaboradores interessados pela história das respetivas ciências. A falta de traduções que apoiassem esse objetivo tornou-se manifesta. Dou um exemplo de que fui testemunha: o de um colega botânico que, em provas académicas da maior especialidade, tratava de plantas tóxicas; por isso se viu obrigado a ler a *Anábase* de Xenofonte e a *História das Plantas* de Teofrasto, porque foi na Ásia - e muito em particular com a campanha aí levada a cabo por Alexandre Magno - que os Europeus tomaram, pela primeira vez, contacto com essa realidade.

Mas se ponderarmos a questão puramente linguística, a carência ganha ainda mais corpo. A intervenção profunda que o grego teve na estruturação do pensamento científico e na fixação do respetivo vocabulário levou, nas diversas línguas modernas, à transcrição e criação de uma infinidade de compostos, com uma face assustadora e incompreensível para a maior parte dos que usam esse vocabulário no seu dia-a-dia. Compreender o sentido básico dessa terminologia seria, com certeza, um auxiliar poderoso à sua interpretação e memorização. Cursos breves de 'Grego para as ciências da saúde', 'Grego para as ciências da vida', foram as primeiras respostas, ainda tímidas, para esta procura.

Mais ainda, esse contacto fundamental entre filólogos e investigadores científicos revelou extravagâncias imprevistas. A simples leitura ou articulação das palavras traduzidas ou transliteradas, a colocação do acento, por exemplo, constituía uma dificuldade e uma divisão entre as diversas escolas da mesma disciplina. Onde uns liam 'pandémia', outros liam 'pandemia'. E onde ficamos? Em desespero de causa, colegas houve que passaram a ministrar certos cursos científicos em inglês, assim procurando neutralizar a disparidade. Como poderíamos nós, os tradutores e filólogos, tolerar que uma língua madura como o português fosse excluída do ensino científico por falta de certezas na utilização de áreas vocabulares específicas?

Sem dúvida, o que, de curiosidades, passou a ser necessidades confrontou os próprios classicistas com lacunas de competência. Houve que aprender e especificar com precisão as regras usadas na transcrição de grecismos técnicos, muito em particular na questão sensível da acentuação.³ Ter consciência do que é a imposição das sílabas longas e breves na língua original e como é que ela condiciona a versão portuguesa das mesmas palavras é um ponto de partida elementar; confrontar-se com a realidade de um hábito nem sempre respeitador da regra é um outro aspeto a merecer ponderação e arbitragem. Dar a conhecer aos nossos colegas cientistas o porquê do que dizem e como o dizem - correta ou incorretamente - é já em si mesmo um começo para a correção das tais incómodas assimetrias. Criar-se uma listagem vocabular, também proveniente da própria tradução, que servisse de tabela para o uso desse vocabulário, quer pelos tradutores em geral, quer pelos diversos utilizadores da língua, acarretou consequências positivas da maior relevância.

³ São decisivos para a tradução ou transcrição de nomes gregos em português os títulos de REBELO GONÇALVES (1966) e de UREÑA PRIETO; TORRES; ABRANCHES (1995).

2. Dificuldades

Mas havia grandes dificuldades na assunção desta tarefa, e a primeira estava na sua multidisciplinaridade. Todos os que de alguma forma nos interessamos por tradução sabemos que não basta um bom domínio das duas línguas em confronto - o código original e o de recepção - para garantir um bom produto. É indispensável que, além de conhecer bem as línguas em causa, o tradutor esteja informado sobre o assunto específico. Mas será pensável a conversão de um filólogo em zoólogo, botânico ou físico? Bastará mesmo ler alguma bibliografia científica para obter o lastro indispensável à tradução? Tratando-se de temas muito particulares, será que até a própria leitura de uma bibliografia muito alheia à preparação académica do tradutor será proveitosa? Não hesito em dizer que os condicionalismos são de muito peso nesta questão essencial.

A interdisciplinaridade pode ser ainda entendida numa outra perspetiva: a da própria personalidade científica do autor original. Assim Aristóteles e Teofrasto, para valorizar dois casos paradigmáticos, não eram apenas fisiólogos, mas também filósofos e retóricos, na medida em que o enciclopedismo era de regra entre a intelectualidade da sua época.⁴ Ou seja, mesmo considerando, por hipótese, um tratado de zoologia, de botânica, de física, o texto não se isentará de uma mescla com conceitos de outra natureza que, logo à partida, condicionam a sua abordagem. Sob este aspeto, a complexidade varia - Aristóteles é muito mais exigente do que Teofrasto, por exemplo. Mas essa complexidade existe sempre como uma componente acrescida.

Há depois os limites da bibliografia de apoio; refiro-me a traduções e comentários noutras línguas e aos dicionários. Começando pelos primeiros. Como tive já oportunidade de referir, não abundam, em qualquer língua, as traduções e os comentários deste tipo de tratados.⁵ Por outro lado, mesmo os existentes revelam grandes disparidades entre si, conforme a maior ou menor competência dos seus autores, e não é só ao código linguístico que me refiro... É manifesto que alguns desses tradutores e comentadores conhecem bem a matéria em causa, enquanto outros se exprimem de um modo insatisfatório para qualquer árbitro com preparação estritamente científica. Porque, como é óbvio, não basta que uma tradução esteja filologicamente rigorosa; é preciso que um leitor ignorante do grego, mas qualificado na disciplina científica em causa, se sinta confortável perante a versão final que se lhe proporciona.

Não resisto a valorizar também condicionantes de contexto histórico ou cultural. No limite, um tradutor, porque espartilhado por imposições da mentalidade de um determinado momento histórico, pode ser levado a distorcer ou mesmo omitir, por questões de moralidade ou outras, um bloco determinado do original a traduzir. Um caso gritante é o que ocorre com a edição Loeb - de HORT (1968) -, que simplesmente elimina uns tantos capítulos de *História das*

⁴ Sendo caudalosa a bibliografia sobre esta matéria, permito-me referir um pequeno, mas sugestivo, número de títulos: sobre a interdisciplinaridade de Aristóteles, BARNES (1995), BOLOTIN (1998), FALCON (2005), HANKINSON (1995), LLOYD (1970), ROSS (1995); e sobre a de Teofrasto, FORTENBAUGH *et al.* (1992), FORTENBAUGH; HUBY; LONG (1985), FORTENBAUGH; SHARPLES (1988).

⁵ Citaremos, a título de exemplo, algumas edições e traduções integradas em coleções internacionalmente reconhecidas de autores gregos: da Akai, DONADO (1990); da Gredos, DÍAZ-REGAÑÓN (1988), GUAL, BONET (1992); de Les Belles Lettres, LOUIS (1964), AMIGÜES (2002-2006); da Loeb, HORT (1968, 1980), EINARSON; LINK (1976-1990), PECK (1979-1984); da Teubner, WIMMER (1854).

Plantas de Teofrasto (9.18.4-11) - sobre a importância das plantas na terapia da sexualidade humana -, porque incompatíveis com a cultura do momento.

Pode haver pormenores que condicionam um resultado positivo. Dou exemplos simples, apontando para áreas que conheço melhor em função do meu empenho pessoal neste tipo de tradução: para um biólogo, em Portugal, falar de 'comida' a respeito dos animais não é aceitável; 'alimento' é a palavra que ele espera ouvir. Ou ainda: os fisiólogos do Liceu, Aristóteles e Teofrasto, aplicam aos diversos produtos do processo nutritivo os qualificativos de "cru" e "cozido" (πέσσω, πέψις); ou seja, e. g. sangue ou sêmen "cru" e "cozido". Consultado um médico sobre o que entenderia por estas expressões, a resposta foi desencorajadora: Nada! Como contraproposta veio esta solução: sangue ou sêmen "maturado" e "não maturado" (*Geração dos animais* 726b). Soa melhor, mas talvez mereça uma nota de rodapé a esclarecer a perda da metáfora culinária, tão vulgar entre os mestres do Liceu nesta matéria. Nota de rodapé é, de resto, um elemento a não perder de vista, a que voltarei mais adiante.

Por fim, só mais uma crucificação a que o tradutor está sujeito, nos casos que me vão servindo de referência, a zoologia e a botânica. A preocupação natural de quem traduz este tipo de vocabulário é encontrar, para as espécies referidas, um nome vulgar no português, de modo a que o leitor comum identifique facilmente do que se trata e, de resto, mantendo o tom do original. Mas vejamos o tipo de dificuldades que daqui resulta. Aristóteles, por exemplo, cataloga, na sua *História dos animais*, múltiplas espécies de caranguejo, a que ele próprio se refere com estas palavras (525a-b): "Há inúmeras espécies de camarões e de caranguejos; (...) o grupo dos caranguejos reparte-se em mais espécies ainda, que são difíceis de enumerar. O de maiores dimensões corresponde àquilo a que se chama aranha-do-mar; em segundo lugar vêm os paguros, os caranguejos de Heracleotis e, por fim, os caranguejos-de-rio. Há ainda uns tantos que são mais pequenos e sem nome específico". Este é um caso a exigir primeiro designações precisas, e depois também particular cuidado na tradução das características dos tipos "sem nome específico", mas que importará tentar identificar com o que é atualmente conhecido sobre o assunto. Do mesmo modo, na *História das plantas* e *Causas das plantas*, Teofrasto refere algo como onze diferentes espécies de carvalho⁶ e um número ainda superior de tipos de pinheiro. Ora é preciso dispor de designações correspondentes na língua de receção, tendo sempre o cuidado de não dar a mesma tradução a designações distintas no grego, o que não é, claro, uma prática aceitável. Como solucionar uma dificuldade deste tipo? Provavelmente com recurso a alguém que saiba do assunto e talvez incluindo uma nota de rodapé que, ao registar o nome científico de cada espécie, assegure a distinção. Mas convenhamos, saber o nome científico de cada espécie não é para todos, tradutores ou não.

Há, como acima referimos de passagem, uma questão importante a ter em conta: a origem do vocabulário científico, que provém, em boa parte, do uso particular ou metafórico de palavras comuns na linguagem do quotidiano; nas mãos do técnico ou filósofo, elas ganham uma conotação própria, a que a tradução, por vezes, com dificuldade se ajusta. Vejamos um caso exemplar. Ao referir-se à complexidade do que chama o mundo sublunar, dentro da sua visão cósmica global, Aristóteles produz uma definição que, por incluir um vocabulário filosófico e cientificamente muito comprometido, pode constituir uma dificuldade

⁶ Vide THANOS (2005).

para o tradutor; basta ver, em primeiro lugar, a necessidade que o próprio Aristóteles sente de precisar o sentido inovador com que está a usar uma determinada palavra, o que é um testemunho importante para a metodologia pela qual uma linguagem técnica se vai constituindo; paralelamente, a anotação abundante que esse passo justificou entre os diversos comentadores, ao longo dos séculos, aponta para a mesma novidade e especificidade (*De caelo* 298a 28-298b 2):⁷

Ἐπεὶ δὲ τῶν φύσει λεγομένων τὰ μὲν ἐστὶν οὐσίαι, τὰ δ' ἔργα καὶ πάθη τούτων (λέγω δ' οὐσίας μὲν τὰ τε ἀπλᾶ σώματα, οἷον πῦρ καὶ γῆν καὶ τὰ σύσσειχα τούτοις, καὶ ὅσα ἐκ τούτων, οἷον τὸν τε σύνολον οὐρανὸν καὶ τὰ μέρη αὐτοῦ, καὶ πάλιν τὰ τε ζῶα καὶ τὰ φυτὰ καὶ τὰ μέρη τούτων, πάθη δὲ καὶ ἔργα τὰς τε κινήσεις τὰς τούτων ἐκάστου καὶ τῶν ἄλλων, ὅσων ἐστὶν αἴτια ταῦτα κατὰ τὴν δύναμιν τὴν ἑαυτῶν, ἔτι δὲ τὰς ἀλλοιώσεις καὶ τὰς εἰς ἄλληλα μεταβάσεις).

Mas entre os chamados corpos naturais, há os que são substâncias, e outros, atos e afecções desses. Chamo substâncias aos corpos simples, como o fogo, a terra, e todos os outros coordenados com eles, e a tudo o que deles se forma, caso do céu na sua totalidade e as suas partes, como também aos animais, plantas e respetivas partes. Por afecções e atos refiro-me aos movimentos de cada um deles, como também dos restantes de que estes, em função do seu potencial, são a causa, além das suas alterações e transmutações.

Fixemo-nos em três palavras técnicas: ἔργα, πάθη, κινήσεις; e não deixemos de sublinhar aquelas que documentam a preocupação de Aristóteles em esclarecer o seu destinatário a propósito do uso inovador que delas faz: "chamo, refiro-me a" (λέγω). Ἔργα, πάθη, κινήσεις são exemplo de palavras comuns, com sentido diversificado, para que é necessário encontrar, dentro do contexto preciso, uma tradução adequada. E para o fazer com alguma segurança, há que consultar doutrina sobre o assunto. Assim, Simplício, no seu comentário a este tratado de Aristóteles (*In De caelo* 661.20-22),⁸ 'traduz': "Por afecções (πάθη) ele refere as chamadas qualidades que afetam, tal como calor e frio e outras semelhantes". Κινήσεις, "movimentos", por seu lado, não se refere sobretudo ou apenas a deslocações; alude também a todo o tipo de alteração qualitativa/evolução, incluída a geração e a corrupção. Uma nota informativa como a de Moraux (1965, p. XXIV), um editor de referência deste tratado aristotélico, recapitula: "Ao enumerar os objetos próprios da filosofia natural, Aristóteles distingue os corpos das suas propriedades, a que chama ora πάθη καὶ κινήσεις, ora ἔργα καὶ πάθη, e explica que por isso entende os movimentos (κινήσεις) de que os corpos são animados em virtude do seu potencial próprio, as suas alterações (ἀλλοιώσεις) e as mutações que os transmutam entre si (εἰς ἄλληλα μεταβάσεις)". Certamente uma nota de rodapé deste tipo, da parte de qualquer tradutor, parece indispensável para clarificar todas estas particularidades de sentido.

Quanto aos dicionários, a situação não é mais fácil. Não temos ainda - apesar de grandes e louváveis esforços já feitos neste âmbito, nomeadamente por colegas brasileiros⁹ - um dicionário de grego-português à dimensão daqueles com que um tradutor de grego normalmente trabalha: Liddell-Scott-Jones, Bailly, Montanari. Ou seja, as traduções do grego para o português passam, em geral,

⁷ Citação feita pela edição de MORAUX (1965).

⁸ MUELLER (2009).

⁹ MALHADAS; DEZOTTI; MOURA NEVES (2022).

pelo recurso a uma língua intermédia, são portanto tradução de tradução. Resultado: é preciso confirmar duas vezes a precisão de sentido, confiar e desconfiar da versão grego - qualquer outra língua, e qualquer outra língua - português. A experiência mostra, por outro lado, que mesmo a valia desses bons dicionários em matéria de vocabulário científico é muito desequilibrada.¹⁰ Assim, a terminologia botânica, por exemplo, tem um tratamento muito satisfatório. Suspeito de que os diversos dicionaristas tenham disposto, neste campo, do apoio técnico de alguém da área que garantiu a precisão da terminologia. O mesmo se não passa, em contrapartida, no que se refere ao vocabulário animal. Quando à consulta sobre o nome de um animal a traduzir a informação dada é qualquer coisa como "animal de grande porte", "espécie de ave", ou outra do género, a ajuda prestada pelo dicionário é simplesmente nula. Claro que a prática nos vai mostrando que houve espécies entretanto extintas, que, por isso, não têm tradução no mundo da ciência contemporânea; ou seres que não foi possível identificar com segurança. Aí a opção terá de ser pela transliteração, em vez da desejada tradução. Mas mesmo que assim seja, seria bom que o dicionário nos informasse nesse sentido. Percebemos simplesmente que o autor de um dicionário com estas características, no que respeita a um campo semântico estrito, não beneficiou do conselho de um perito na área. Temos de reconhecer a dificuldade, para um dicionarista, de consultar um perito para cada área vocabular específica que o seu dicionário tem de incluir: zoologia, botânica, mineralogia, matemática, física... e são poucos estes exemplos. Mas para quem consulta, a dificuldade fica por resolver.

A terminologia científica será, neste campo da tradução, a primeira preocupação do tradutor. Imaginem quando um autor, como Aristóteles ou Teofrasto, dá o nome de um animal ou planta e depois os descreve em pormenor: já se imaginou o fiasco que não será se, na tradução, a designação inicial não coincidir com a descrição feita a seguir?

Uma última circunstância pode representar ainda mais um problema. Imaginemos que o tradutor é um filólogo, que provém da área das Línguas e Literaturas, e alguém com alguma prática de tradução. Normalmente para quem traduz grego antigo, a prática que tem de tradução é obtida sobre o texto literário. Esse modelo de tradução vai-lhe inculcando determinados princípios: que se deve procurar não repetir palavras, a menos que a repetição tenha algum propósito estilístico; que traduzir o neutro por "coisa" é de evitar; que a tradução sistemática de partículas, muito naturais no grego, sobrecarrega desnecessariamente a versão portuguesa. Mas se passamos para a tradução científica, a situação muda. O rigor impõe-se e, com ele, a repetição pode ser desejável, o neutro ter um efeito mais marcante e intencional, as partículas estabelecerem conexões lógicas de raciocínio e tornarem-se, por isso, indispensáveis. Ou seja, menos estética e mais fidelidade ao pé da letra.

3. Soluções

Temos vindo a inventariar sobretudo as dificuldades. Importa agora considerar soluções que aliviem e garantam bons resultados a quem invista na

¹⁰ Vide SILVA, 2008, p. 107-114.

tradução científica. É evidente que a insistência na tradução de um mesmo autor ou campo científico vai diluindo as dificuldades. Familiarizar-se com um autor ou dispor de um vocabulário entretanto já estabelecido, sobre uma disciplina concreta, situa o ponto de partida para uma nova proposta muito acima do patamar inicial. Aí a coerência é mesmo um fator a privilegiar, de modo a que o eventual leitor, passando da *História dos animais* para as *Partes dos animais* de Aristóteles, ou da *História das plantas* para as *Causas das plantas* de Teofrasto, se depare com uma tradução constante para as mesmas espécies ou procedimentos. As imprecisões manifestadas pelos dicionários ou pela bibliografia disponível vão sendo assim supridas pelas diversas etapas de uma tarefa constante.

Indispensável é, sem dúvida, o estabelecimento de parcerias com colegas da disciplina em causa, privilegiando-se deste modo o papel do recetor da tradução. Um cientista, com competência, tempo e gosto por questões de natureza filológica - e não são poucas as qualidades que lhe são pedidas - será sempre um aliado precioso para qualquer tradutor. O que se lhe pede é muito mais do que a verificação do rigor da terminologia usada, de forma mais ou menos imediata e superficial. Há outros requisitos para que a sua colaboração é indispensável. Além da precisão vocabular, importa discutir com ele a tonalidade geral do texto, marcado pelo ritmo próprio de um tratado científico e menos pelo tom condizente com um estilo literário. Quando se trata de verter nomes de espécies, só o conselheiro científico poderá garantir que a opção por um nome inclui realmente uma correspondência com o ambiente mediterrânico e com uma época compatível com o tratado. Não vamos, por exemplo, incorrer no erro de optar pelo nome de uma espécie americana, que não tem presença na fauna europeia; nem usar a designação de uma espécie que foi importada ou transplantada pelos europeus muito mais tarde do que o século a que o texto a traduzir respeita. Esses são erros palmares que o tradutor, sem uma arbitragem, cometeria de forma totalmente inconsciente. Um cientista bem informado terá acesso a uma bibliografia específica da matéria, incluindo listas vocabulares em que a nomenclatura animal ou vegetal, ou outra, vem acompanhada de uma descrição; pode assim suprir as lacunas que os dicionários de grego deixam em aberto. Mais ainda: podemos mesmo recorrer a um lavrador, jardineiro, ou artesão, sem qualquer pretensão ou competência científica, mas com um saber de experiência feito; e inquirir dele uma determinada prática, que é descrita por Aristóteles ou Teofrasto e nos parece estranha, e muitas vezes confere com a que continua em vigor; ou, com muita pertinência, que palavra usa ele para determinado processo, instrumento, matéria, animal ou planta. Não estamos, aliás, a adotar um procedimento inovador, porque assim atuaram também os fisiólogos do passado. De facto, o chamado 'senso comum' foi para Teofrasto, como antes para Aristóteles, uma fonte importante de informações e de soluções terminológicas; a consulta de diversos agentes relacionados com o mundo vegetal - jardineiros, lenhadores (cf. Teofrasto, *História das plantas* 3.3.7, 3.9.3, 3.12.4, 4.13.1), herbanários, comerciantes e médicos, por exemplo, todos eles, por motivos diferentes, bons conhecedores de animais e plantas - forneceu a Aristóteles e Teofrasto, a par da informação, também uma designação, buscada na linguagem quotidiana, para animais e plantas, sua estrutura, grupos em que se dividem, ou mesmo regiões a que estão afetos.

Todos sabemos que as traduções dos clássicos greco-latinos têm por tradição serem oferecidas dentro de um contexto informativo mais vasto. O tradutor que se ocupe deles sente, como missão indispensável, fazer acompanhar a sua proposta de versão por um estudo introdutório e um comentário mais ou menos detalhado. Levar o seu leitor a percorrer, de alguma forma, o caminho que ele próprio teve de cumprir para chegar à tradução que oferece estabelece uma cumplicidade importante para esclarecer e justificar a proposta. A mantermos esta prática na tradução científica, ela só terá a beneficiar com a colaboração de um perito. Avanço com algumas questões eventualmente menos conhecidas dos filólogos. Há uma base internacional, usada, por exemplo, pelos zoólogos e botânicos, que regista com uma expressão latina (substantivo, adjetivo e nome do especialista responsável pela sua identificação) as espécies e subespécies conhecidas. O recurso a esta base de dados é fundamental para a separação técnica entre espécies para que usamos a mesma designação - o já referido caso dos caranguejos e dos carvalhos, por exemplo -, ou para aquelas em que, ao mesmo nome grego, podemos fazer corresponder uma variedade de designações vulgares em português (e.g., *Erica australis* L. pode ser vulgarmente designada por urze-vermelha, urze, urgeira, torga-vermelha, torga, queiroga); mesmo que a tradução recorra indistintamente à mesma designação para subespécies distintas, ou multiplique as alternativas para a mesma espécie, a designação científica - a incluir em nota de rodapé - evitará qualquer imprecisão.

Há ainda uma informação preciosa a somar à tradução de um tratado deste tipo: os índices. Uma catalogação geral dos nomes gregos e da respetiva tradução, acrescida de uma outra em que sejam igualmente alistados os nomes científicos em versão latina, dos animais ou plantas, é um elemento orientador de grande valia. Em primeiro lugar para o tradutor em si mesmo que, perdido entre centenas de nomes num só tratado, poderá controlar se não estará a usar soluções distintas para um mesmo problema, ou outras possíveis disparidades. Mas também para os seus leitores e sobretudo para a comunidade dos tradutores do mesmo tipo de texto. Porque será conveniente que, dentro do mesmo campo semântico, haja coerência nas soluções adotadas pelos vários tradutores. Que um novo tradutor disponha já de uma listagem vocabular arbitrada por um conselheiro competente é uma espécie de anexo reparador das lacunas dos dicionários.

Por fim, há ainda o conforto das notas de rodapé. Se, no texto literário, a sua utilidade pode ser discutida, desde logo em função do uso a que a tradução será sujeita - um texto dramático, por exemplo, não consente notas de rodapé quando sobe à cena, sendo esse o seu principal destino -, na versão de um tratado científico o comentário só pode ser bem vindo. Antes de mais, esse é o lugar próprio para o tradutor justificar a tradução, perante nuances difusas ou controversas de sentido. Poderá admitir-se também, em certos casos, que a dificuldade do texto original justifique um esclarecimento; ou ainda que uma remissão para um conceito ou um contexto cultural preciso implique uma informação complementar. Está, portanto, fora de causa a utilidade da nota de rodapé, como um suplemento de informação ou clarificação.

Conclusão

As considerações que venho tecendo sobre tradução do tratado científico não dependem de um conhecimento teórico aprofundado, sobre tradução em geral ou sobre este aspeto específico da tarefa de traduzir. São simplesmente reflexões provenientes da prática ensaiada com vários tratados deste âmbito.

Apesar dos limites impostos por este ponto de partida, creio que o objeto aqui em análise depende em boa parte desse mesmo requisito, a prática de enfrentar textos deste teor. Espero, de alguma forma, ter contribuído para a concretização de alguns objetivos prioritários num debate sobre este assunto: o do preenchimento de uma lacuna no *corpus* dos clássicos gregos postos à disposição de um público contemporâneo; a identificação das dificuldades que um projeto deste tipo acarreta; a valorização dos aliados e instrumentos que o tradutor tem à sua disposição e que deve usar de um modo crítico, mas exaustivo; e a importância, consoladora, de levar a cabo uma versão correta e informada de um bloco de textos, que constitui uma parte relevante da herança clássica, sob os diversos pontos de vista, filológico, cultural e científico.

SOUSA E SILVA, M. de F. Scientific text translation. objectives, difficulties, solutions. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 14, n. 1, p. 167-178, 2022.

Referências

Edições e traduções

AMIGÜES, S. Théophraste. *Recherches sur les plantes*. Paris: Les Belles Lettres, 2002-2006.

DÍAZ-REGAÑÓN, J. M. *Historia de las Plantas*. Madrid: Gredos, 1988.

DONADO, J. V. Aristóteles. *Historia de los animales*. Madrid: Akai, 1990.

EINARSON, B.; LINK, G. K. Theophrastus. *De causis plantarum*. I-III. Cambridge: Harvard University Press, Loeb, 1976-1990.

GUAL, C. G.; BONET, J. P. *Investigación sobre los animales*. Madrid: Gredos, 1992.

HORT, A. F. Theophrastus. *Enquiry into plants*. I-II. 2ª edição. Cambridge: Harvard University Press, Loeb, 1968 (1916-1926).

LOUIS, P. Aristote. *Histoire des animaux*. I-II. Paris: Les Belles Lettres, 1964.

MORAUX, P. Aristote. *Du Ciel*. Paris: Les Belles Lettres, 1965.

PECK, A. L. Aristotle. *Historia animalium*. Cambridge: Harvard University Press, Loeb, 1979-1984.

SILVA, M. F. Aristóteles. *História dos animais*. I. Lisboa: INCM, 2006.

- SILVA, M. F. Aristóteles. *História dos animais*. II. Lisboa: INCM, 2008.
- SILVA, M. F. Aristóteles. *História dos animais*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- SILVA, M. F. Aristóteles. *Partes dos animais*. Lisboa: INCM, 2010.
- SILVA, M. F. Aristóteles. *Geração dos animais*. Lisboa: INCM, 2021.
- SILVA, M. F.; PAIVA, J. A *História das plantas de Teofrasto*. Coimbra: Gulbenkian / IUC, 2016.
- SILVA, M. F.; PAIVA, J. Teofrasto. *Causas das plantas*. Coimbra: IUC, 2020.
- SOUSA, A. A. Hipócrates. *Juramento dos fetos de oito meses das mulheres inférteis*. Coimbra: IUC, 2018.
- WIMMER, F. *Theophrasti Eresii quae supersunt opera omnia*. Berlin: Teubner, 1854.

Estudos

- BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1894.
- BARNES, J. (ed.). *The Cambridge Companion to Aristotle*. Cambridge: University Press, 1995.
- BOLOTIN, D. *An Approach to Aristotle's Physics*. With Particular Attention to the Role of his Manner of Writing. New York: State University of New York Press, 1998.
- FALCON, A. *Aristotle and the Science of Nature*. Unity without Uniformity. Cambridge: University Press, 2005.
- FORTENBAUGH, W. W.; Huby, P.; Long, A. *Theophrastus of Eresus*. On his life and work. New Brunswick / Oxford: Transaction Books, 1985.
- FORTENBAUGH, W. W.; Sharples, R. W. *Theophrastean Studies on Natural Science and metaphysics, Ethics, Religion and Rhetoric*. New Brunswick/ Oxford: Transaction Books, 1988.
- FORTENBAUGH, W. W. et al. *Theophrastus of Eresus*. Sources for his life, writings, thought and influence. Leiden: Brill, 1992.
- HANKINSON, R. J. Philosophy and Science. In: BARNES, J. *The Cambridge Companion to Aristotle*. Cambridge: University Press, 1995. p. 109-139.
- LIDDELL, H. G., SCOTT, R., JONES, H. S. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: University Press, 1843.

LLOYD, G. E. R. *Ancient Culture and Society*. Early Greek Science: Thales to Aristotle. London: Chatto & Windus, 1970.

MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C.; MOURA NEVES, M. H. (coord.). *Dicionário Grego-Português*. Cotia: Ateliê, Lda., 2022.

MONTANARI, F. *Vocabolario della Lingua Greca*. Milano: Loescher, 1995.

MUELLER, I. *Simplicius: On Aristotle On the Heavens 3.1-7*. London: Bloomsbury, 2009.

MUELLER, I. *Simplicius: On Aristotle On the Heavens 3.7-4.6*. London: Bloomsbury, 2009.

REBELO GONÇALVES, F. *Vocabulário da Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora, Lda., 1966.

ROSS, D. *Aristotle*. 6ª edição. London and New York: Routledge, 1995.

SILVA, M. F. *A linguagem biológica: um tratamento específico*. In: Júnior, M. A. *Lexicon*. Dicionário de Grego-Português. Lisboa: CEC, 2008. p. 107-114.

THANOS, C. A. *Theophrastus on oaks*. *Bot. Chron.* v. 18, n. 1, p. 29-36, 2005.

UREÑA PRIETO, M. H., TORRES, M. I., ABRANCHES, C. M. *Do Grego e do Latim ao Português*. Lisboa: Gulbenkian/JNICT, 1995.